

RECORDAÇÕES DE VANDELLI: LITERATURA E HISTÓRIA NAS VIAGENS FILOSÓFICAS DE PORTUGAL PELO BRASIL

Teresinha Gema Lins Brandão Chaves

Universidade de São Paulo – USP

Brasil

terechaves@usp.br

Resumo

O confronto entre certas criações ficcionais e a dinâmica da colonização nos leva a diversos campos disciplinares. Se a história registrou o intenso intercâmbio de mercadorias e idéias que ocorreu entre Portugal e Brasil, a partir da descoberta do Novo Mundo, a literatura revisitou e recriou esse passado. É o que se constata na obra do escritor brasileiro João Guimarães Rosa, em que articulando a realidade e a imaginação, a natureza e o homem, o regional e o universal, o escritor de perfil naturalista ilumina a linguagem da História e da Ciência pela Arte.

Com relação às expedições científicas portuguesas pelo Brasil, a história relata que, na segunda metade do século XVIII, Portugal impulsionou a elaboração de um projeto de confecção de uma História Natural, tendo como espaço de criação cultural a Academia Real das Ciências de Lisboa. Esse empreendimento, no entanto, não teria sido possível sem as “viagens imaginárias” do intelectual Domenico Agostino Vandelli, correspondente de Lineu e um dos principais articuladores da política portuguesa dirigida às colônias. Assim, instruídos conforme o livro *Viagens filosóficas ou dissertações sobre as importantes regras que o filósofo naturalista nas suas peregrinações deve principalmente observar*, alunos da Universidade de Coimbra, onde Vandelli era professor de História Natural e Química, são preparados para explorar as colônias ultramarinas.

Em meio à produção literária de Guimarães Rosa, destacamos o conto “O

recado do morro”, do livro *Corpo de baile*, lançado em 1956, para um paralelo com a História. Nessa ficção, um narrador conta a estória de uma pitoresca expedição, formada por moradores de um vilarejo, contratados por um viajante alemão, que percorre o interior do estado de Minas Gerais. Região de grutas, minerais, vegetação de cerrado (com diversidade em espécies comestíveis e medicinais), de fazendas de gado, animais em perigo de extinção e homens sábios do sertão, é com o uso dessa enigmática paisagem, que o escritor vai moldar o seu “recado”.

Através de um estudo comparado entre os ideais naturalistas de Vandelli (evidentes nas correspondências trocadas com Lineu e nas Instruções aos viajantes) e do escritor Guimarães Rosa (expresso de forma ficcional), destacamos a necessidade de se resgatar, nos dias atuais, seus trabalhos, como forma de se propor uma nova relação do homem com o meio ambiente.

*Nós, de fato, reconhecemos que Deus todo-poderoso escreveu dois
livros, a natureza e a revelação [...]*
(Lineu, 1765)

O confronto entre certas criações ficcionais e a dinâmica da colonização nos leva a percorrer interessantes caminhos da História, da Literatura e das Ciências da Natureza. Se a história registrou o intenso intercâmbio de produtos e idéias, que ocorreu entre Portugal e Brasil, via Atlântico, a partir da descoberta do Novo Mundo, alguns escritores do *Modernismo* brasileiro revisitaram e recriaram esse passado.

No que se refere às expedições científicas portuguesas pelo Brasil, o historiador Oswaldo Munteal Filho lembra que, na segunda metade do século XVIII, Portugal impulsionou a elaboração de um projeto de confecção de uma História Natural de suas colônias, tendo como espaço de criação cultural e reflexiva a Academia Real das Ciências de Lisboa. Esse empreendimento, no entanto, não teria sido possível sem as “viagens imaginárias” do intelectual ilustrado Domenico

Agostino Vandelli, um dos principais articuladores da política portuguesa dirigida às colônias no âmbito da Academia. Segundo seu pensamento, era preciso munir os naturalistas com ferramentas capazes de desvendar um Brasil desconhecido do ponto de vista da ciência e ainda intocado quanto às potencialidades de seus elementos naturais. Portanto, o olhar do naturalista deveria passar, primeiro, pelo utilitário: as virtudes das plantas medicinais, os usos dos gêneros exóticos, o aproveitamento do reino animal e mineral e a fertilidade das extensas terras. Reordenar a Natureza, não mais de forma alegórica, mas através da observação e experiência figurava-lhe como medida necessária e urgente. A par disso e instruídos conforme o livro *Viagens filosóficas ou dissertações sobre as importantes regras que o filósofo naturalista, nas suas peregrinações, deve principalmente observar*, alunos da Universidade de Coimbra, onde Vandelli era professor de História Natural e Química, são preparados para explorar as colônias ultramarinas (p. 483-518).

Vandelli e a História Natural Lusitana: o a(s)cender das Luzes

Com relação ao projeto de desenvolvimento de uma cultura científica útil, administrada pelo Estado, que se instaurou em Portugal, no século XVIII, Munteal Filho afirma:

A apropriação do mundo natural das colônias e o ato de escrever a sua história através da experimentação e da exploração dos usos e propriedades da Natureza representaram um enorme desafio para a elite burocrática lusitana. Um Estado forte de uma maneira geral, e especialmente na conjuntura que se configurara na Península Ibérica, dependia de uma posição ideológica definida, absolutista e ilustrada e de uma clara perspectiva da conjuntura continental e regional. (p. 500)

Dessa forma, houve um alargamento das preocupações das autoridades portuguesas com relação à exploração natural do Novo Mundo, pois uma utilização racional e “metódica” da Natureza poderia significar um diferencial importante na competição entre as “potências europeias”. E o Brasil passa a desempenhar um papel fundamental para as pesquisas minerais, zoológicas e botânicas. Mas Portugal precisava de filósofos experientes para a empreitada. Assim sendo, em 1764, o italiano Vandelli, doutor em Medicina pela Universidade de Pádua, autor de trabalhos científicos e correspondente de Lineu, é convidado pelo Conde de Oeiras, futuro Marquês de Pombal, para lecionar no Colégio dos Nobres, em Lisboa. Foi o próprio Lineu, seu maior influenciador, quem o incentiva a ir para Portugal, por vislumbrar a possibilidade dos países que possuíam colônias tropicais levarem vantagens com relação às descobertas científicas. Estando em Portugal, país de clima ameno e possuidor de territórios ultramarinos, seu correspondente paduano teria o privilégio de poder contar com toda a natureza a seu dispor e a(s)cender as Luzes sobre a História Natural Lusitana.

Portugal e Brasil irão unir e nutrir de entusiasmo e idéias, quanto às possíveis descobertas científicas, os “doutores em matéria divina”, conforme atestam as correspondências trocadas, entre os dois naturalistas, durante dezoito anos. No ânimo de sua chegada em Lisboa, em outubro de 1764, Vandelli se exprime, com alegria, ao amigo:

Posto que tardei a te escrever, celeberrimo varão, espero que me desculpes por isso uma vez que conbeças a razão de um silêncio tão prolongado: não queria que minhas cartas chegassem a ti sem nenhum presentinho, e por isso esperava até que tivesse algumas sementes do Brasil, que agora receberás. [...] Resido agora em Lisboa. Tomara que me seja possível ir à América; certamente enviarei a ti as mais diversas plantas e insetos. [...] As colinas desta cidade consistem de estratos de rochas calcáreas, mármore, greda,

argila e cascalho, e nelas se escondem grande quantidade de ostras de tamanho peculiar; próximo à cidade de Belém, distante cerca de 3 léguas da cidade, coletei zircão de cor amarelada em uma rocha-matriz dura [...]. Até aqui vi pouquíssimos insetos. Comecei a anotar as plantas nas imediações da cidade [...]. Isso é o que eu aspirava ofertar a ti, digníssimo varão. [...] Se escreveres de volta, envia a carta ao monsenhor Domenico Vandelli em Lisboa. Nesse ínterim, saúdo-te, celeberrimo varão, e continua a estimar-me como fazes. (2008-a, p.54)

Envolvido pelo mesmo entusiasmo, em 12 de fevereiro de 1765, responde-lhe Lineu:

Por muito tempo lamentei a tua ausência, e não sabia que te dirigias à região do planeta onde te encontras até que tua carta entusiasmadíssima, escrita nos idos de outubro, chegasse anteontem. [...] Manifesto devotíssima gratidão pelas sementes e pelo teu sincero afeto por mim. É difícil obter sementes vivas do Brasil; todas estas estavam mortas, exceto aquelas de Cassia. [...] Tomara que tu possas mesmo ir ao Brasil, terra que ninguém calçou, exceto MARCGRAF, com seu servidor PISO, quando ainda não havia um facbo de luz aceso na História Natural e por isso tudo deve ser descrito de novo à sua luz. Estarás mais apto que os outros, tu que estás bastante firme no que diz respeito à natureza, incansável no inquirir, extremamente hábil no retratar os exemplares mais belos. Mas talvez ninguém em Portugal reconheça que o fim da criação é a glória de Deus a partir de Sua obra. Nós, de fato, reconhecemos que Deus todo-poderoso escreveu dois livros, a natureza e a revelação [...]. Bom Deus! Se portugueses e espanhóis conhecerem os bens da sua

natureza, quão infelizes serão os outros, que não possuem terras exóticas! [...] Tua carta conduziu-me contigo pelos deleitosos vales lusitanos, onde colhi belíssimas plantas em tua companhia, como em um ameno sonho. (2008-a,p.58)

Não se sabe a razão pela qual Vandelli teria ficado sem exercício de funções oficiais até 1768, quando é finalmente nomeado para dirigir as obras do Jardim Botânico e do Museu de História Natural da Ajuda. “[Sua ligação], durante mais de quatro décadas, à fundação, instalação e direção dos museus de história natural e jardins botânicos da Ajuda, em Lisboa (1768-1810), e da Universidade de Coimbra (1772-1791), faz dele o mais importante museólogo setecentista de Portugal e do seu império”, afirma João Carlos Brigola (2008-b, p.41). Foram em suas aulas de filosofia natural ministradas na Universidade de Coimbra, que nasceu o projeto de criação da Academia das Ciências de Lisboa, da qual será um dos fundadores e diretor da seção de ciências naturais.

Quanto às tão desejadas viagens à América ficaram apenas na imaginação. Contudo, isso não o impediu de desenvolver importantes pesquisas no seu “Gabinete de curiosidades”, que se tornou um dos mais cobiçados da Europa. Da mesma forma, não foi obstáculo para que a formação dada a seus alunos naturalistas fosse decisiva para a exploração científica das colônias portuguesas.

Assim, em 1783, os primeiros grupos de viajantes, preparados por Vandelli, partem de Lisboa, acompanhados de riscadores, jardineiros-botânicos e burocratas. Conforme Munteal Filho, “[o] olhar viajante sobre as colônias deveria vir acompanhado da formação básica contida nas Instruções, nas correções sobre as remessas de produtos naturais das colônias para a metrópole, assim como nas Memórias Econômico-Científicas [...]” (p. 489). O método utilizado para a exploração da natureza tropical deveria ser rigoroso e preciso e o material estar sempre acompanhado de “[...] diagnósticos sobre assuntos ou temas pontuais previamente indicados pela Academia como problemas a serem resolvidos pelos Sócios (p. 490)”. Era preciso, portanto, zelar pela correção das remessas do ponto

de vista do armazenamento, acondicionamento, descrição, dissecação e coleta.

O trecho extraído de carta enviada do Brasil pelo burocrata Luís da Cunha Menezes, ao Ministro do Ultramar, em julho de 1787, confirma a utilização da metodologia de Vandelli e sua articulação com os Projetos do Estado Português:

Encarreguei ao hábil Naturalista o Doutor Joaquim Vellozo de Miranda de procurar por toda esta Capitania todos os gêneros e todas as qualidades de espécies pertencentes à História Natural: faço a primeira remessa nesta ocasião possível, em 3 caixotes com o sobescrito a V.Exa., (...) e de que são inclusos de uma grande parte os pássaros e mais alguns animais que tem sido possível ao dito Naturalista adquirir (ilegível) e que se façam constantes todos da sua narração e descrição também inclusa. (Apud Munteal Filho, p.501-502)

O fragmento abaixo, retirado de ofício enviado de Portugal, em junho de 1798, com recomendações a respeito das descobertas do Boticário Domingos José Correa, também a atesta:

[...] Igualmente passará a V.Sa ordem aos Correios Marítimos, e as Fragatas de Guerra, que atracarem neste porto, que se encarreguem de todos os caixões de plantas vivas, ou de produtos, que o mesmo Boticário me queira remeter para o Jardim Botânico, e serviço de S.Mag. V. Sa. procurará ver também se pode mandar-me a Planta, que o mesmo Boticário descobriu, que tem as mesmas qualidades da Quina, e que é um antifebril admirável. (Apud Munteal Filho, p. 502)

A revolução científica do *Systema Naturae* inserida nesse momento histórico

terá os naturalistas Lineu e Vandelli como participantes desse processo e a Natureza de Portugal e suas colônias alvos importantes das investigações. Tanto o *Systema naturae* quanto a *Enciclopédia (Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers)* de Diderot e D^e Alembert, que também utilizaram dados da história natural, tinham por objetivo classificar e descrever o conhecimento existente sobre o mundo e fixaram um marco na história. Mas a História das Ciências vai ser marcada, também, pela invasão de Portugal, por tropas de Napoleão, em 1807, ocasião em que se dispersa a rica coleção de História Natural elaborada durante décadas por Vandelli. E com a morte do naturalista, em 1816, encerra-se “[...] todo um ciclo de funcionamento dos jardins e coleções de Portugal como ponto de convergência de uma teia de viajantes e correspondentes coloniais formados sob o comando do diretor da Ajuda”, afirma Lorelai Kury (2008-b, p.256).

A literatura no rea(s)cender das Luzes

Percorrendo as trilhas do literário e do cultural, alguns escritores do *Modernismo* brasileiro revisitaram o passado das expedições científicas portuguesas pelo Brasil. É o que se constata na obra de João Guimarães Rosa, em que articulando a realidade e a imaginação, a natureza e o homem, o regional e o universal, o escritor de perfil naturalista ilumina a linguagem da História e da Ciência pela Arte.

Em meio à produção literária de Rosa, destacamos o conto “O recado do morro”, do livro *Corpo de baile*, lançado em 1956, para um paralelo com a História. Nessa ficção, um observador conta a estória de uma pitoresca expedição, pelo interior do Estado de Minas Gerais, mais precisamente “nos fundos do município” de Cordisburgo. Tendo como cenário a paisagem real, usando o linguajar local e demonstrando conhecer bem as peculiaridades das pessoas e do ambiente, esse narrador inicia seu relato, apresentando os participantes da expedição, moradores

contratados por um viajante estrangeiro. Pedro Orósio, moço alto e forte, enxadeiro, é o guiador. Frei Sinfrão, “desses de sandália sem meia e túnica marrom”, estando de férias, vai como tradutor. O “Ivo, Ivo de tal, Ivo da Tia Merência” é destacado para ir tangendo os burros cargueiros. O “seo Jujuca do Açude”, fazendeiro de gado, “moço atilado e ambicioso”, vai “negociar alqueires e novilhos, madeiras e safras”. O estrangeiro, responsável pela viagem, é apresentado com detalhes:

[u]m, de fora, a quem tratavam por seo Alquiste ou Olquiste – espigo alemão-rana, com raro cabelim barba-de-milho e cara de barata descascada. O sol faiscava-lhe nos aros dos óculos, mas, tirados os óculos, de grossas lentes, seus olhos se amaciavam num aguado azul, inocente e terno, que até por si semblava rir, aos poucos se acostumando com a forte luz daqueles altos. Calçava botas cor de chocolate, de um novo feitiço; por cima da roupa clara, vestia guarda-pó de linho, para verde; trespassava a tiracol as correias da codaque e do binóculo; na cabeça um chapéu-de-palha de abas demais de largas, arranjado ali na roça. Enxacoco e desguisado nos usos, a tudo quanto enxergava dava um mesmo engraçado valor: fosse uma pedrinha, uma pedra, um cipó, uma terra de barranco, um passarinho atôa, uma moita de carrapicho, um ninhol de véspos. (2001-a, p.28)

Observa-se que o viajante vai percorrer uma região geográfica de grutas onde, conforme descreve o narrador, “[...] se achavam ossadas, passadas de velhice, de bichos sem estatura de regra, assombração deles [...] e homenzarros, duns que não há mais” (Ibid., p.30); “[de] lagôzinhas em pontos elevados, são ao contrário de todas: se enchem na seca, e tempo-das-águas se esvaziam, delas mal se sabe (Ibid.)”. Demonstra saber também que lá é região de cerrado, onde a natureza generosa oferece fartura em alimento e espécies com propriedades medicinais; lugar

de animais em perigo de extinção, de serras, de muito sol, chuvas ácidas, muitos rios e veredas contrastando com a secura do sertão; lugar onde os moradores “[s]abiam coisas demais do tempo, dos bichos, de feitiços, das pessoas, das plantas [...]” (2001-b, p.213). Ao que tudo indica, o objetivo do viajante é observar, recolher, classificar e catalogar a Natureza da região, pois conforme o narrador:

[O] seu Olquiste estudava o que podia, escrevia amonte em seus muitos cadernos, num lugar recolheu a ossada inteira limpa de uma anta-sapateira, noutra ganhou uma pedra enfeitosa, em formato de fundido e cores de bronze, noutra comprou para si um couro de dez metros de sucuri macha. - ‘Cada um é dóido de sua banda!’ - definia o Ivo, a respeito. (Ibid., p.54)

Incompreensível para os habitantes, o comportamento do viajante estrangeiro, porém, vai ao encontro dos parâmetros estabelecidos pelo pensamento científico Iluminista. Lembremos aqui de Diderot, para quem o estudo da Natureza requer três meios principais:

[...] a observação, a reflexão e a experimentação. A observação recolhe os fatos, a reflexão os combina e a experiência verifica o resultado da combinação. É preciso que a observação da natureza seja assídua, que a reflexão seja profunda e que a experiência seja exata. Raramente se vê esses meios reunidos. Também os gênios criadores não são comuns. (1989, p.39)

Com relação à Natureza brasileira, na necessidade de conhecer e preservar seu enorme potencial - ideais perseguidos por Vandelli e resgatados por Rosa - encontra-se a chave para a formação de uma consciência crítica a respeito da degradação ambiental. No entanto, conforme manifesta Fabio Rubio Scarano:

[a] pesquisa taxonômica conta atualmente com baixo prestígio e tem sido grandemente negligenciada [...]. Em tempos de rápida perda de biodiversidade, esta é uma lacuna que implicará em sérios problemas para a humanidade – e principalmente para o Brasil, um dos principais detentores dessa riqueza. (2008-a, p.15)

A exploração dos recursos animais de forma rudimentar e predatória, a falta de conhecimento prático das espécies vegetais nativas e sua preservação, as queimadas indiscriminadas, a perda do saber empírico dos índios sobre o uso de plantas como antídoto contra enfermidades, a expansão agrícola pelos rios, tudo isso foi motivo de preocupação e de apresentação de propostas, no século XVIII, não só por Vandelli, mas por outros autores luso-brasileiros como Baltasar da Silva Lisboa, Alexandre Rodrigues Ferreira, José Bonifácio de Andrada e Silva, José Gregório de Moraes Navarro e José Vieira Couto (Pádua, 2008-b, p. 308). É importante destacar que todos foram alunos de Domenico Vandelli, que jamais se absteve de manifestar dúvidas e condenações sobre o que estava ocorrendo em diversas regiões do Império.

Como se pode perceber, após anos dedicados à História Natural, a alegria e entusiasmo manifestados nas cartas enviadas a Lineu, dá lugar a um discurso apreensivo e pressagioso:

[...] entre as plantas das conquistas existem muitas desconhecidas dos botânicos, principalmente árvores de muita utilidade [...]. Porém no Brasil muitas delas com o tempo se farão raras e dificultoso o seu transporte. Pelo costume introduzido de queimar grandes bosques nas bordas dos rios [...] e acabando-se a fertilidade deste terreno em poucos anos, passam a fazer novas queimadas, deixando inculto o que

antes foi cultivado. E assim se destroem imensas árvores úteis
[...]. (Apud Pádua, 2008-b, p. 310)

Na visão de Vandelli, a combinação perigosa do desconhecimento e da subexploração da Natureza, nos poucos assentamentos europeus, levariam ricos biomas do Brasil à total destruição.

Retornando ao conto de Guimarães Rosa, observa-se que durante a expedição, o “Morro da Garça”, situado na região, começa a gemer e o chão se sacode. Como num terremoto, ou uma erupção vulcânica, as camadas subterrâneas se movem, trazendo simbolicamente, à superfície, uma história esquecida. E é revisitando os diários dos viajantes e a história das ciências, que o escritor vai moldar o seu recado. Sabedor das potencialidades naturais de seu país, dos perigos de sua exploração predatória e futura extinção, ele resgata, em sua obra, o trabalho de Lineu e Vandelli, suas descobertas, preocupações e “recados”. Não é sem motivo que, em *O recado do morro*, Seu Alquiste “[c]olhia com duas mãos a ramagem de qualquer folhinha campã sem serventia para se guardar: de marroio, carqueja, sete-sangrias, amorzinho-seco, pé-de-perdiz, joão-da-costa, unha-de-vaca-rôxa, olhos-de-porco, copo-d`água, língua-de-tucano, língua-de-teiú” (2001-a, p.31). Verifica-se que, entre as espécies colhidas, nove possuem propriedades medicinais e duas são hoje desconhecidas. Provavelmente extintas.

Cumpre, ainda, focar outro detalhe: nos primeiros contatos do viajante com os habitantes da região, o estrangeiro é colocado em posição superior em relação a eles, mas na medida em que se agregam aos objetivos da expedição, o percurso é modificado, a hierarquia se subverte e o saber científico se dilui ao sabor do conhecimento empírico dos personagens. Assim, no início da expedição, o viajante “[t]omava nota, escrevia na caderneta; a caso, tirava retratos. [...] Outramão, ele desenhava, desenhava: de tudo tirava traço e figura leal (Ibid.)”. “Quando não provia melhor coisa, especulava perguntas [...] (Ibid., p.32) ”.

Pois bem, faz parte das *Viagens filosóficas ou dissertação sobre as importantes regras*

que o filósofo naturalista, nas suas peregrinações, deve principalmente observar, de Domenico Vandelli, a seguinte recomendação:

Parece supérfluo advertir que o naturalista nunca deve se pôr a caminho sem ir provido de todos aqueles instrumentos que são necessários para os seus descobrimentos, entre os quais não é de menor necessidade uma pena de lápis e o diário para os seus jornais (p.93). [...] O filósofo que viaja [...] pelo Brasil, [...] vê-se metido no meio de um mundo novo, ainda hoje tão desconhecido como no primeiro dia de seu descobrimento, se excetuarmos alguma parte da sua costa [...]. Só a observação e a experiência o podem pôr em estado de penetrar por este vastíssimo país. (p. 123)

Com efeito, na ficção de Guimarães Rosa, no final da “viajação” a expedição se perde. Conta o narrador que:

Frei Sinfrão rezava ou queixava do mau cómodo na sela. Seo Olquiste quase não dava mais ar de influência: por falta de prática, já se via que ele estava cansado de viagem; e com soltura de disenteria, pelos bons de comer nas fazendas. [...] Mas seo Olquiste agora só dava atenção a algum pássaro. O pitangui, escarlate, sangue-de-boi”. (2001-a, p. 64-65)

Ter-lhes-iam faltado a observação, a reflexão ou a experiência? A respeito dos transtornos e fadigas, Vandelli jamais deixou de lembrar aos seus viajantes que:

[...] todas as coisas que se deve propor o naturalista para fazer uma história completa dos lugares por onde passar, e um sortimento das produções mais úteis da natureza que possam servir de interesse à sua pátria, [é o] único fim a que

devem tender as fadigas de um filósofo que viaja. (p. 123)

Se o estudo da Natureza requer observação assídua, reflexão profunda, experiência exata, compromisso com a pátria e muita fadiga - como escreveram os estudiosos da Natureza – de fato “os gênios criadores não são comuns (Diderot, p.39)”. É por essa razão que as grandes revoluções do pensamento também se encontram separadas por longos períodos de acréscimos e ajustes do conhecimento (Kuhn apud Scarano, 2008-a, p.13).

Portanto, em tempos de perda acelerada da biodiversidade, aquecimento global, disseminação de doenças, mudanças climáticas e desastres naturais é preciso resgatar o trabalho dos dois “gênios da criação”: Vandelli e Guimarães Rosa. Rea(s)cender as Luzes sobre obras tão significativas, talvez seja uma forma de se devolver à Natureza o seu sentido divino e primordial: de ser um universo cultural, que deve ser conhecido, pode ser racionalmente aproveitado, mas acima de tudo respeitado e preservado.

Bibliografia

Brigola, João Carlos. “Domenico Agostino Vandelli – um naturalista italiano a serviço de Portugal e do Brasil”. *O Gabinete de curiosidades de Domenico Vandelli*. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2008-b, pg. 41-68.

Diderot, Denis. *Da interpretação da natureza e outros escritos*. [s.ed.]. 1989.

Kury, Lorelai. “As coleções, a invasão francesa e o Brasil”. *O Gabinete de curiosidades de Domenico Vandelli*. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2008-b, pg. 251-258.

Linné, Carl Von. *De Vandelli para Lineu. De Lineu para Vandelli*. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2008-a.

Munteal Filho, Oswaldo. “A Academia Real das Ciências de Lisboa e o Império Ultramarino (1779-1808)”. *Diálogos Oceânicos: Minas Gerais e as novas*

abordagens para uma história do Império Ultramarino Português. Furtado, Júnia Ferreira (Org.). Belo Horizonte: UFMG, 2001, p 483-518.

Pádua, José Augusto. “Conhecimento e conservação da natureza brasileira: o legado de Domenico Vandelli”. *O Gabinete de curiosidades de Domenico Vandelli*. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2008-b, p.307-311.

Rosa, João Guimarães. “O recado do morro”. *No Urubuquaquá, no Pinbém*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001-a.

_____. “Buriti”. *Noites do sertão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001-b.

Scarano, Fabio Rubio. “Compartilhando uma revolução científica: as correspondências entre Lineu e Vandelli”. *De Vandelli para Lineu. De Lineu para Vandelli*. Rio de Janeiro: Editora Dantes, 2008-a, p.13-15.

Vandelli, Domenico Agostino. *De Vandelli para Lineu. De Lineu para Vandelli*. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2008-a

_____. “Viagens filosóficas ou dissertações sobre as importantes regras que o filósofo naturalista, nas suas peregrinações, deve principalmente observar”. *O Gabinete de curiosidades de Domenico Vandelli*. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2008-b, p. 93-170.